

# As ações dos bancos reagem

por Maria Cristina Carvalho  
de Nova York

As medidas dos bancos norte-americanos para limitar ao Brasil um eventual agravamento da crise da dívida internacional tiveram efeito favorável sobre suas ações. Depois de terem caído até 10% na semana passada, os papéis dos grandes bancos norte-americanos recuperaram-se com a assinatura do acordo de reestruturação da dívida externa do Chile e da Venezuela. O empréstimo de emergência de US\$ 500 milhões concedido à Argentina, e a agilização da assinatura do pacote de US\$ 7,7 bilhões do México.

O dia mais crítico para as ações dos bancos americanos foi a quinta-feira da semana passada, quando a cotação do Citicorp, que tem US\$ 4,7 bilhões emprestados ao Brasil, fechou a US\$ 52,625, com queda de 10% na semana. No mesmo espaço de tempo, o Manufacturers Hanover perdeu 7,3%, para US\$ 44,375; o J.P. Morgan, 5,8%, para US\$ 44,5; o Chase Manhattan, com um portfólio de US\$ 2,8 bilhões no Brasil, desvalorizou-se 6,5%, para US\$ 37,5; e o Bank of América, que emprestou US\$ 2,7 bilhões ao País, fechou a US\$ 11,875, com queda de 2%.

Já na sexta-feira, esses papéis subiam, com exceção do Bank of América, que recuou ligeiramente para US\$ 11,75. A reação mais surpreendente foi a do J.P. Morgan que, ganhou US\$ 1,625, para os US\$ 45,875. Manufacturers Hanover subiu para US\$ 45,375; o Chase, US\$ 0,75, para US\$ 38,25; e o Citicorp, pouco mais de meio dólar, para US\$ 53,25.

As ações do Bank of America se mantiveram inalteradas ontem em relação ao pregão de terça-feira, em US\$ 12. O Chase Manhattan caiu US\$ 0,25 para US\$ 38,875; o Citicorp US\$ 0,125, para US\$ 52,75; o Manufacturers Hanover subiu US\$ 0,75, para US\$ 46,125; e o Morgan subiu US\$ 0,25, para US\$ 46,125.

## APOSTA NA RECUPERAÇÃO

Os analistas de Wall

Street especializados em ações de bancos, como James J. Mc Dermott, apostam na recuperação desses papéis. Mc Dermott é vice-presidente sênior da Keefe, Bruyette & Woods Inc., empresa de consultoria e "underwriting" que tem dezesseis analistas acompanhando diariamente a situação de 175 bancos e 55 empresas de poupança e empréstimo, e um computador com informação sobre 14.400 bancos comerciais.

Mc Dermott acredita que a desvalorização das ações dos bancos americanos foi contida pelas atitudes das instituições para resolver a situação de outros países endividados, evitando que seguissem o caminho brasileiro. Mas reconhece que o País tem uma participação significativa no portfólio dos bancos, e por isso prevê que a volta às cotações anteriores ainda depende dos rumos da negociação da dívida externa brasileira. "Esperamos uma solução satisfatória do problema no futuro", diz.

Outros não são tão otimistas, pois lembram que os bancos americanos já vêm sofrendo problemas no mercado interno com a inadimplência de empréstimos internos feitos aos setores de energia, construção naval e agricultura. Mc Dermott lembra que é preciso analisar a situação de cada banco em particular. O Bank of America, por exemplo, tem grandes problemas com clientes do setor de energia.

Na verdade, as análises da Keefe, Bruyette & Woods mostram que apesar de todos os problemas enfrentados pelos bancos nesta década, suas ações têm tido um bom comportamento. O índice feito pela empresa refletindo o comportamento das ações dos 24 maiores bancos americanos (Keefe Bank Index) subiu 26,2% em 1983, quando foi desencadeada a crise da dívida internacional, enquanto o índice Standard & Poor's de quinhentas ações valorizava-se 18,2% no mesmo período. Em 1984, o índice Keefe subiu 12,5 para 0,1% do Standard & Poor's. No ano seguinte, a evolução foi de 31 e 25,9% respectivamente, e, nos no-

ve primeiros meses do ano passado, de 10,8 e 9,4%.

## A SITUAÇÃO DOS JAPONÊSES

Dentre os credores internacionais do Brasil, situação pior teriam os bancos japoneses, que, para 100% de ativos, têm 3% de capital, enquanto nos bancos americanos a proporção é de 100 para 6. Mas, como lembrou um analista que não quis ser identificado, dificilmente o governo japonês deixaria um banco nacional quebrar, comportamento não usual no sistema financeiro americano.

Apesar de a queda das ações dos bancos americanos ter sido contida, Wall Street acredita que pelo menos por enquanto os planos de emissão de ações do setor financeiro devem ser engavetados.

Também deve haver atraso no plano do American Express de vender ao público uma fatia "significativa", mas ainda não revelada, de sua corretora subsidiária, a Shearson Lehman Brothers Inc.

As fortes oscilações dos bancos sacudiram o mercado americano mas Wall Street absorveu o choque. O índice Dow Jones fechou a semana com queda de 0,5% nos 2.223,99 pontos. "O mercado americano está sob diversas e fortes influências altistas e nem a queda das ações dos bancos afetou o interesse dos investidores por outros papéis", disse Peter W. Greenough, vice-presidente sênior da Vickers da Costa Securities Inc., empresa de consultoria de investimentos associada da inglesa Vickers da Costa Ltd., que de seus escritórios na Park Avenue comanda operações nas principais bolsas internacionais.

Os oitenta analistas da Vickers da costa americana estão ligados por terminais eletrônicos aos movimentos das bolsas americanas e também ao Stock Exchange Automated Quotation (SEAQ), que começou a funcionar no ano passado, quando a Bolsa de Londres realizou o "Big Bang", autorizando a comercialização de ações estrangeiras e as operações de instituições localizadas fora da Inglaterra. Os ana-

listas ainda se revezam em plantões noturnos para acompanhar os negócios nas bolsas asiáticas.

## A VALORIZAÇÃO DA INDÚSTRIA

O índice Dow Jones de trinta ações industriais da bolsa de Nova York subiu 16,5% nos dois primeiros meses do ano. Para Greenough, o fato de o índice ter obtido em tão pouco tempo quase que a mesma valorização de todo o ano passado (23,1%) é basicamente resultado das boas perspectivas em relação da economia americana. "Os juros reais moderadamente baixos autorizam uma previsão de crescimento médio de 17% nos lucros das companhias americanas neste ano", disse.

Para os investidores estrangeiros, essa promessa de lucros é bastante atraente, principalmente considerando-se que a queda do dólar tornou as ações americanas relativamente mais baratas. Esse fator influiu por exemplo na compra da Celanese pela alemã Hoechst, estima-se em US\$ 20 bilhões a entrada de capital externo nas bolsas americanas, somente nos dois primeiros meses deste ano, em comparação com US\$ 25 bilhões em todo o ano passado e com US\$ 4,9 bilhões em 1985. Com todo esse dinheiro novo no mercado, os preços dispararam.

"Há, ainda, outros fatores influinte na alta das ações americanas como a procura de papéis de empresas beneficiadas pela Aids (ver box) e a onda de fusões e aquisições que vem tomando conta de Wall Street desde o ano passado.

Para não perder o controle acionário e fugir das tentativas agressivas de compra ("takeover"), muitas empresas vêm recomprando suas próprias ações no mercado, o que torna os papéis mais escassos e também puxa as cotações para cima. A IBM é uma delas: a empresa anunciou, na semana passada, que vai recomprar milhões de suas ações ordinárias que estão circulando no mercado, gastando US\$ 570 milhões.